

AS AUTORIDADES SE CALAM

Mateus 22; 23



EBD – Revista Compromisso Ano CXV N° 458
Lição 11 – Domingo 13.06.2021

Elaborado por Rogério Senna
estudosmec@pibrj.org.br

“Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos.” Mt 22.32

Jesus inicia sua fala e mais uma vez ensina por parábolas. Agora é a parábola das bodas que repete três importantes temas da parábola anterior, a parábola dos lavradores maus, a saber: a filiação divina de Jesus, a persistente rejeição de Israel aos seus profetas e a inclusão dos gentios no reino de Deus. A parábola se ocupa da extensão do oferecimento do Reino de Deus, aqui representado como uma festa de casamento real, a outros além dos originalmente convidados, porque estes, quando chegou a hora, não quiseram vir. Mateus enfatiza o convite aos gentios, que seriam incluídos como povo de Deus porque o Israel original tinha, em sua maior parte, rejeitado Jesus, o Messias.

A parábola das bodas apresenta ensinamentos maravilhosos, senão vejamos: a salvação anunciada no evangelho é comparada a uma festa de casamento. Somos chamados pelo evangelho ao banquete do Filho do Rei. A vida eterna é uma festa nobre, um banquete real, uma celebração eterna. Os convites do evangelho são amplos, plenos, generosos e ilimitados. O evangelho coloca uma porta aberta diante

de todos, ricos e pobres, homens e mulheres, grandes e pequenos. Ninguém é excluído. A salvação oferecida pelo evangelho é rejeitada por muitos daqueles a quem ela é oferecida. Os convidados chamados pelo servo do rei não deram valor ao convite. Assim, também hoje muitos escutam o evangelho, ouvem a pregação, mas rejeitam o convite da graça, desprezando a oferta do amor de Deus. Todos quantos professam falsamente a religião cristã serão desmascarados e condenados eternamente no último dia. A vestimenta adequada segundo esta parábola é a justiça de Cristo. Se não estivermos vestidos desta justiça, não seremos bem-vindos nas bodas do Cordeiro no céu. O profeta Isaías bem disse que toda nossa justiça é trapo de imundícia. Somente poderemos entrar no reino dos céus se estivermos vestidos da justiça de Jesus, a qual é imputada a todos os que creem. Ninguém participa deste banquete sem ser revestido com a justiça de Cristo. Assim as vestes nupciais representam a justiça necessária para entrar no reino de Deus, a condição de ser



totalmente aceito aos olhos de Deus. Cristo é quem concede essas vestes de justiça a cada crente. Ele providenciou esses trajes para todos, mas cada pessoa tem o direito de escolher se vai vesti-los ou não, a fim de participar do banquete do Rei (a vida eterna). Existe o convite, mas devemos estar prontos.

Apesar de Deus, com determinação, convidar a todos para as bodas de seu Filho, alguns recusam a aceitar seu convite e, assim, deixam de desfrutar suas riquezas. Vir de uma longa linhagem de cristãos não garante ninguém no reino de Deus. A ingratidão e a arrogância sempre ameaçam nos fazer perder o rumo. Embora não mereçamos, a graça nos convida, insistentemente, a nos juntarmos ao Senhor em seu eterno banquete celestial.

Após ministrar a parábola das bodas Jesus enfrentou os líderes religiosos que perguntaram sobre o pagamento de impostos. Jesus foi emparedado por seus acusadores que estavam desejosos de buscar uma prova contra Ele. Faziam perguntas capciosas e desonestas. O que queriam era pegar Jesus em contradição e para tanto foram indagá-lo a respeito do tributo devido a César. Na verdade, o objetivo era matar a Jesus, para tanto tentaram surpreendê-lo e pegá-lo no contrapé. A pergunta sobre a questão do tributo foi engendrada pelos fariseus, herodianos e saduceus. Eles não eram

unidos politicamente, porém para massacrar Jesus valia tudo. Que tristeza! Forças opostas se unem contra a verdade. A bajulação é uma arma do inimigo. Chamaram Jesus de Mestre, o elogiaram, contudo, eram bajuladores e hipócritas. Ocultavam o seu propósito nefasto sob um manto de adulação lisonjeira. Jesus, porém, tira a máscara de seus inquisidores e expõe sua hipocrisia: **Hipócritas! Por que vocês estão me pondo à prova?** - Mateus 22:18. Logo depois introduzem uma pergunta maliciosa no sentido de ser lícito ou não pagar tributo a César. Queriam armar uma arapuca para Jesus. Se ele respondesse sim, o povo estaria contra Ele, pois seria visto como alguém que apoiava o sistema romano idólatra. Se respondesse não, Roma estaria contra Ele e os herodianos se apressariam em denunciá-Lo às autoridades romanas, acusando-O de rebelião. Se Jesus permanecesse em silêncio, eles O acusariam de ser um covarde que não ousaria dizer o que pensava. Jesus dá uma resposta desconcertante: **Mostrem-me a moeda usada para pagar o imposto". Eles lhe mostraram um denário, e ele lhes perguntou: "De quem é esta imagem e esta inscrição?" "De César", responderam eles. E ele lhes disse: "Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"** - Mateus 22:19-21. A resposta de Jesus mostra que o imposto era devido. Honrar a Deus não

significa desonrar o imperador, recusando-se a pagar os tributos que são importantes para a proteção policial, boas estradas e demais serviços públicos. Somos cidadãos de dois reinos. Devemos pagar nossos tributos bem como devolver o que é de Deus. Há o dever ao Estado e o dever a Deus. O ensino das Escrituras é que o governo humano é estabelecido por Deus para o nosso bem.

Depois, não satisfeitos, uma delegação de saduceus faz uma pergunta teológica e mais uma vez tenta uma armadilha contra Jesus. Só para lembrar que os saduceus formavam a classe aristocrática da religião judaica. Eles somente aceitavam o Pentateuco e negavam as tradições orais, bem como os outros livros do Antigo Testamento. Negavam a vida depois da morte, a doutrina da ressurreição, a existência da alma, a existência dos anjos e demônios e o julgamento final. Veja que engraçado! Mesmo com suas convicções eles foram a Cristo para fazer uma pergunta relacionada à doutrina da ressurreição. Na realidade os saduceus sentiram-se ameaçados pelas ações de Jesus no templo, pois o poder deles e a manutenção de sua riqueza dependiam do templo. A pergunta com relação à doutrina da ressurreição tinha por finalidade ridicularizar Jesus. Os saduceus eram os liberais da época. Eram tidos como os intelectuais da época, mas negavam os fundamentos essenciais da fé. A pergunta

estava relacionada a questões do levirato, ou seja, “o irmão do marido”, conforme Deuteronômio 25:5-10. Saliente-se que a pergunta dos saduceus era hipotética e absolutamente improvável. Não era uma pergunta sincera, pois estavam propondo um enigma para Jesus, a fim de colocá-lo num beco sem saída. A resposta de Jesus foi esclarecedora, pois afirmou aquilo que os saduceus negavam: a existência dos anjos, a realidade da vida depois da morte e a esperança da ressurreição futura, utilizando-se, para tanto, do Antigo Testamento.

Mais uma vez fazem uma pergunta maliciosa. Aproximam-se de Jesus com refinada educação, chamando-O de Mestre. A questão agora é sobre o grande mandamento. Com o silêncio dos saduceus quem se aproxima agora são os fariseus. Os escribas tinham determinado que os judeus eram obrigados a obedecer 613 preceitos da lei, 365 preceitos negativos e 248 positivos. Um de seus exercícios favoritos era discutir qual desses mandamentos era o mais importante. Jesus corta o caminho por tais minúcias e vai direto ao cerne do problema. Aliás, a resposta de Jesus não revela nada de novo, porém vai recordar aquilo que todo homem judeu pronunciava a cada manhã e a cada noite, o *shema* (Dt 6:4-6). Jesus sintetizou a lei no amor, e não em preceitos e rituais. Quem ama cumpre a lei.

Interessante que Jesus inverte a situação e de interrogado passa a interrogador dos fariseus. Faz uma pergunta significativa: quem eles imaginavam ser o Messias. Os fariseus sabiam que o Messias seria um descendente de Davi, mas não entendiam que se tratava do próprio Deus encarnado. Ele cita para os fariseus: **"Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés"** - almos 110:1. O texto realça a divindade de Cristo, para mostrar que o Messias será maior do que Davi. A pergunta mais importante a respondermos está relacionada à nossa crença a respeito da identidade de Cristo. Outras questões teológicas serão irrelevantes até que creiamos que Jesus é exatamente quem Ele disse ser.

Caminhamos para o capítulo 23 do Evangelho de Mateus e agora há solenes advertências de Jesus sobre os falsos líderes religiosos. Jesus tece comentários sobre os escribas e fariseus, líderes religiosos da nação de Israel. Jesus chama os fariseus de cegos, serpentes, filhos do inferno, assassinos, hipócritas e pessoas semelhantes a sepulcros caiados. Esses líderes religiosos eram destituídos de sinceridade, de compaixão e de humanidade. O discurso que se inicia no versículo 1 de Mateus 23 é contundente. Denuncia publicamente os pecados praticados pelos escribas e fariseus. Estes falharam como professores do povo. Havia

uma gritante discrepância entre ensinar e praticar. Os fariseus se consideravam mais santos que os outros pecadores. Não praticavam o que ensinavam; eram inconsistentes. Os escribas e fariseus eram destituídos de sensibilidade espiritual; eram legalistas e sempre procuravam tornar a religião mais pesada. Tudo ao contrário da graça de Jesus. Os falsos profetas enganam o povo substituindo a Palavra de Deus por suas próprias doutrinas. Jeremias já enfatizava: **"Ouvi o que dizem os profetas, que profetizam mentiras em meu nome, dizendo: 'Tive um sonho! Tive um sonho! 'Até quando os profetas continuarão a profetizar mentiras e as ilusões de suas próprias mentes?"** - Jeremias 23:25,26. Hoje, há muitas pessoas confusas, feridas e doentes, vítimas dos falsos profetas. No seu discurso Jesus ainda apontou que os falsos líderes religiosos são obcecados pelos aplausos humanos. Aí está a falha fatal no caráter deles, pois desejavam serem vistos pelos homens. Veneravam as saudações públicas, bem como ufanavam - e pelos títulos acadêmicos da religião. Jesus ridiculariza tamanha preocupação minuciosa por exterioridade e literalismo pretensioso. Jesus mostra o que se quer do ser humano: **O maior entre vocês deverá ser servo. Pois todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado, e todo aquele que a si mesmo se**

humilhar será exaltado - Mateus 23:11,12.

Jesus condena os líderes religiosos de Jerusalém. Ademais, ser um líder religioso naquela época era bem diferente do que ser um pastor na sociedade atual. Os líderes religiosos eram mais conhecidos, poderosos e respeitados. Veja o que Jesus diz: **"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens! Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo."** Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! **Vocês devoram as casas das viúvas e, para disfarçar, fazem longas orações. Por isso serão castigados mais severamente** - Mateus 23:13,14. Jesus fez estas severas acusações porque a ânsia dos líderes religiosos por mais poder, dinheiro e prestígio os havia levado a perder Deus de vista, e esta cegueira se espalhava por toda nação. Os escribas e fariseus ao ganharem uma nova pessoa para sua religião eram envolvidos demasiadamente pelos detalhes de leis e regulamentos adicionais que perdiam completamente a noção de Deus, que deveria ser o motivo central de tudo. Devemos ter a certeza de que não estamos criando fariseus quando insistimos na obediência exterior às custas de nossa renovação interior. Jesus condenou os fariseus e líderes religiosos porque exteriormente se mostravam

santos e justos, enquanto em seu interior permaneciam cheios de corrupção e ganância. Viver o cristianismo simplesmente para exibir-se aos outros é o mesmo que lavar apenas o exterior de um copo. Se estivermos interiormente limpos, nossa limpeza exterior não será uma fraude.

Na fase final do seu discurso Jesus ainda diz: **"Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram** - Mateus 23:37. Jesus queria reunir seu povo da mesma forma que a galinha protege os pintinhos sob suas asas, mas os judeus não permitiriam. Jesus também quer proteger-nos, basta que o busquemos. Muitas vezes, ferimo-nos e não sabemos a quem recorrer. Rejeitamos a ajuda de Cristo porque não acreditamos que Ele possa dar-nos tudo o que necessitamos. Mas quem conhece nossas necessidades melhor do que o nosso Criador? Aqueles que se voltam para Jesus descobrem que Ele ajuda e conforta como ninguém mais o poderia fazer. Jerusalém era a cidade do povo escolhido de Deus; o lar de Davi, o maior rei de Israel; a sede do Templo era a morada terrena de Deus. Esta cidade deveria ser o centro da adoração ao verdadeiro Deus e o símbolo de justiça para todos os povos.

Mas Jerusalém estava cega em relação a Deus e insensível às necessidades humanas. Aqui, vemos a profundidade dos sentimentos de Jesus por todos os perdidos e por sua amada cidade, que em breve seria destruída.

Jesus critica a hipocrisia e a obstinação dos fariseus. De todas as acusações a serem levantadas contra o povo de Deus no juízo final, nenhuma é mais condenável do que a acusação de haverem desprezado a Palavra de Deus. Mesmo as mais amargas denúncias de Jesus são motivadas pelo sincero desejo de que as pessoas desistam do pecado e da morte e recebam o dom da vida eterna.

Senhor Jesus, obrigado por amares o bastante a ponto de nos advertires quando nos desviamos da tua Palavra. Mantém-nos firmes na tua verdade. Amém!

Referências

- 1) Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal – CPAD – 2003
- 2) Bíblia Brasileira de Estudo – Editora Hagnos – 2016
- 3) Bíblia de Estudo da Reforma – Sociedade Bíblica do Brasil – 2017
- 4) Bíblia Shedd – Antigo e Novo Testamento – Edições Vida Nova – 2007
- 5) Comentário Expositivo do Novo Testamento – Volume 1 – Os